

SOBRE A LEITURA

Emanuel Guerreiro¹

RESUMO:

Este estudo tem, como ponto de partida, a obra *Sobre a Leitura*, de Marcel Proust, para reflectir sobre as questões da Leitura, do estatuto do Leitor e da recepção da Obra Literária. Aqui se enuncia o acto de ler como experiência de linguagem, numa contínua reinvenção criadora de mundos. Dada a necessária articulação e complementaridade entre a obra e o leitor, constituindo duas faces que, reciprocamente, se procuram na construção do sentido, o acto de ler permite ao leitor uma aventura de descoberta de si e do mundo. Sendo cada leitura única, a repetição da sua experiência insufla nova vida no texto, despertando um número infinito de possibilidades de ser, de ver, de ler a marca deixada pelo autor, participando o leitor da sua autoria.

Palavras-chave: Autor, Escrita, Leitor, Leitura, Estética da Recepção.

ABSTRACT:

This study has, as starting point, the work *On Reading* by Marcel Proust, to reflect on the issues of reading, the status of the reader and the receipt of the Literary Work. The act of reading is presented as a language experience, a continuous creative reinvention of worlds. Given the necessary complementarity between the work and the reader, constituting two faces that, conversely, look for one another at the construction of meaning, the act of reading allows the reader an adventure of discovery itself and of the world. With each single reading, the repetition of this experience breathes new life into the text, arousing an infinite number of possibilities to be, to see, to read the mark left by the author, allowing the reader to participate in its creation.

Keywords: Author, Writing, Reader, Reading, Aesthetic Experience.

*(...) a leitura é uma amizade. (...) uma amizade sincera,
(...) amizade pura e calma (...).*

Marcel Proust ([1992], p. 58-59)

1. LER

Exercício de reflexão e recriação, de representação do apre(e)ndido, *ler* é a capacidade de decifrar e traduzir signos: «(...) é o leitor que lê o sentido; é o leitor que reconhece a um objecto, lugar ou acontecimento uma possível legibilidade ou lha concede; é o leitor que tem de atribuir significação a um sistema de signos e em seguida

¹ Mestre em Literatura – Especialização em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve (Portugal). Ensaios publicados nas revistas *Colóquio-Letras*, *Vértice*, *Brotéria*, *Veredas*. *Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, *Diacrítica – Filosofia e Cultura*, *Forma Breve*. Departamento de Línguas e Culturas - Universidade de Aveiro

decifrá-lo.» (Manguel, 1998, p. 21). Do latim «*legere*», ler tinha, entre outros significados, o de reunir, escolher, percorrer, seguir as pegadas de, navegar junto à costa,² apoderar-se de, escutar, juntar as letras, ler em voz baixa. Ler em voz alta era designado por «*recitare*» e, até ao final da Idade Média, a leitura consistirá numa enunciação em voz alta, qual recitação. Leitura partilhada, *teatral*, o texto era dito; logo, ler era uma aptidão oral. Há que atender, também, ao reduzido número de pessoas que sabia ler, fazendo-o para um grupo não possuidor dessa capacidade, instruindo e distraíndo, e que, só após a invenção da imprensa, a produção de livros aumentou, permitindo que crescesse o número dos seus possuidores e de leitores.

No século XVIII, a leitura oral seria substituída pela leitura silenciosa, solitária, interiorizada, fruto da existência de uma variedade de títulos e de uma crescente vontade de lê-los, procurando o leitor um *tempo próprio*, para si, dedicado a essa apropriação: «À conversação, que criava a presença dum interlocutor, sucedeu a leitura como solidão.» (Mourão *in* Proust, [1992], p. 6).³ Italo Calvino (1993, p. 138) refere a mesma ideia:

A leitura é solidão. (...) Lê-se em solidão mesmo quando se está com outra pessoa. (...) canal aberto pelas palavras alheias, que justamente quando pronunciadas por uma voz estranha, pela voz daquele silencioso ninguém feito de tinta e de espaços tipográficos, podem tornar-se vossas, uma linguagem, um código entre vós, um meio de trocarmos sinais e de se reconhecerem.

Solidão que se torna, não vazio, não amargura, não tristeza, mas contínuo enriquecimento, elevação, encontro de uma companhia sempre sábia. O acto de ler, de reler, de parar, de voltar atrás ou avançar palavras, linhas, páginas, folhas, mesmo de espreitar o final, implica tempo – implica a ideia de *tempo físico*, de consciência da possibilidade de «dissolução» do tempo, manipulado sob a intenção do leitor. «Faço o meu tempo», o tempo da existência da leitura, do acto de ler. Seguir as palavras, linha a linha, página a página, como segundos e minutos que se sucedem. «Manipular» esse tempo e fazê-lo retornar, revivê-lo, repeti-lo. Fazê-lo «novo», de novo, mas já outro,

² Como afirma Roland Barthes (1987, p. 52): «(...) o espaço da escrita percorre-se, não se perfura (...)».

³ Desde o século VI que se regista a difusão da leitura silenciosa, nos mosteiros, como uma forma de se fazer silêncio à hora da sesta, simultaneamente a hora da leitura pessoal, respeitando o repouso dos monges, para quem a leitura constituía uma ascese. Durante as refeições, um monge lia, em voz alta, passagens da Bíblia ou de textos dos Padres da Igreja, como forma de, não só, impedir que os monges abordassem temas mundanos, mas, também, como forma de continuar a instrução com exemplos de conduta cristã. Comum a partir dos séculos X-XI, a leitura silenciosa era requisito no «*scriptorium*», onde os monges copiavam os livros, em silêncio, trabalho que requeria concentração.

lendo mais uma vez, outra vez, como se fosse «novo», adivinhando as palavras, desvendando o sentido guardado à espera da chamada. É o leitor que decide (d) o tempo. Saber ler não é (só) juntar as letras, formar palavras, unir frases. Saber ler é a união com o autor, compreender, acompanhar o seu pensamento, saber como, só e à distância, entrar em diálogo com ele, discordar dele e, no fundo, procurar o sentido inicial que determinou a escrita.

«Ler é reter, recolher (...); é assimilar o texto e dele tomar posse (...)» (Barthes e Compagnon, 1987, p. 196), conhecimento e reconhecimento do mundo e, como leitor, de qual é *o meu lugar* nele. Como experiência de descoberta e de prazer, num espaço de liberdade e num acto de linguagem que reinventa o mundo, a leitura é uma energia dotada de aptidão transformadora e de abertura sobre o possível da imaginação, fruto de uma capacidade de invenção e de decifração de si próprio. Ler é, pois, um acto solitário, de estar sozinho, só consigo mesmo, com a sua experiência, com a sua história, com a sua memória, recuperando momentos passados e construindo um percurso, naquilo que se lê, como se lê e onde e quando se lê, como se se escrevesse e *inscrevesse* nas linhas que se estão a percorrer, decifrando, decifrando-se, numa fonte de conhecimento de si próprio e do mundo.

2. SOBRE A LEITURA

O texto *Sobre a Leitura*, de Marcel Proust, assume-se como reflexão e resposta crítica à conferência de John Ruskin (1819-1900), *Tesouro dos Reis*, na Câmara de Rusholme, a 6 de Novembro de 1864, sobre a leitura e a sua utilidade.⁴ Aí, este autor defendia a tese de Descartes, segundo o qual *a leitura de todos os bons livros é como uma conversa com as melhores pessoas dos séculos passados que foram os seus autores* (Proust, *id.*, p. 39), como se mais interessantes fossem do que o diálogo possível de estabelecer com qualquer indivíduo próximo de nós. Proust contrapõe que a leitura não deveria ser comparada a uma conversa com o mais sábio dos homens, mas «(...) consiste para cada um de nós em receber comunicação de um outro pensamento, mas embora permanecendo só, quer dizer continuando a gozar do poder intelectual que se

⁴ Do carácter do útil em relação ao texto literário, recorde-se as considerações de Horácio, na *Arte Poética*, defendendo que a poesia deveria ser, simultaneamente, útil e agradável, ensinar e deleitar o leitor. Como alimento espiritual, lúdica e evasiva, prazer, divertimento, estudo e conhecimento, a literatura revela a sua utilidade prática pelos efeitos que manifesta: ensina, informa, veicula uma mensagem ética, de intenção formativa, pedagógica e cívica. Roland Barthes (2001, p. 62) afirmaria: «(...) é a própria inutilidade do texto que se torna útil (...)».

tem na solidão e que a conversa dissipa imediatamente (...)» (*id.*, p. 41). E acrescenta, definindo *leitura*: «(...) é uma intervenção que, embora vinda de um outro, se produza no fundo de nós mesmos, é bem o impulso de um outro espírito, mas recebido no seio da solidão.» (*id.*, p. 50).

Assim, este texto é a apologia proustiana da perspectiva individual sobre a leitura, «(...) milagre fecundo de uma comunicação no interior da solidão (...)» (*id.*, p. 41), reflectindo sobre a sua experiência como leitor. Proust enumera os locais, as situações possíveis do acto de ler e o prazer dele colhido: «(...) só me sinto viver e pensar num quarto em que tudo é a criação e a linguagem de vidas profundamente diferentes da minha (...)» (*id.*, p. 31). O acto de ler em silêncio implica distância, refúgio, separação – quem lê afasta-se da agitação do quotidiano, fecha-se no «seu» mundo, construído com e pela imaginação, e, embrenhado em letras, palavras e linhas, coloca, entre si e os outros, uma barreira intencional que o guarda naquele mundo a que, naquele momento, (se) dá existência pelas palavras, «escapando(-se)» do mundo exterior. Ao fechar-se para ler, isolando-se dos outros, ao fazer da leitura uma experiência de solidão e silêncio, em que o mundo inteiro se afasta (ou é afastado), o leitor identifica-se com *outro(s) sujeito(s)*, numa fuga à realidade, ao mundo exterior, criando uma atmosfera de prazer e de liberdade, transferindo-se para o registo do *imaginário*: «(...) tem-se sempre um certo gosto em sair de si, em viajar, quando se lê.» (*id.*, p. 63).

Roland Barthes vê uma aproximação do sujeito-leitor (ou *lente*), neste acto de isolamento e separação para a leitura e um consequente desinvestimento do mundo exterior, com dois outros sujeitos (o místico e o amoroso), tendo por base uma relação de prazer com o livro (ou a imagem dele construída ou que se vai construindo pelo processo de leitura), fechando-se com ele, numa ligação com o objecto pelo qual se nutre um afecto. Fascinado pelas palavras, com as quais sente prazer, noção implícita na realização do acto de ler, o leitor defronta-se com a *revelação do que está oculto*, base da fruição da leitura. Trata-se de fechar-se num espaço físico (ou psicológico) com o livro, entre o livro, *entrar* no livro, viver *entre* as suas linhas que despertam emoções, novidades e experiências, miragem ou visão que se anuncia através da bruma da imaginação aos olhos ávidos da revelação.⁵ O sujeito, numa comunhão que o faz

⁵ «A leitura está no limiar da vida espiritual; pode introduzir-nos nela: não a constitui.» Cf. Proust, *id.*:48. O autor alerta, contudo, para o seu lado *possivelmente* prejudicial, por se considerar que a leitura silenciosa, privada e solitária, retrato de inactividade, fomentava o acto de sonhar acordado, o perigo da

participante do que lê, torna-se, também, *um autor*, anulando-se a fronteira entre o objecto e o sujeito, numa acção de mútua influência, numa inter-acção constante, tornando-se participante de um acto de criação que permanece em aberto.⁶ Barthes (1987, p. 36) considera que «(...) a leitura é condutora do Desejo de escrever (...)», o que faz da leitura uma *produção*, um *trabalho*, como se a leitura engendrasses a escrita que a motiva.

Proust confronta-nos com a origem da fruição (a que Barthes chama de *prazer sem separação* (*id.*, p. 60)), o gosto, a experiência, a sensação: o risco de ser punido, se fosse descoberto, após a ordem de dormir e de apagar a luz; a insónia que se prolongaria por toda a noite, quando o livro chegasse ao fim, mas as personagens ainda vivas, permanecendo na memória, ainda em diálogo, actuando, actantes; o livro fechado, a leitura terminada, mas *a sua vida* ainda a prosseguir. Para Proust, o seu desejo de ler era o de se apropriar da riqueza e da beleza do livro, libertando-se do mito da leitura como prazer proibido, culpado, solitário, a-social, como um mau hábito que absorve demasiadamente e afasta da relação com os outros ou considerada, durante o século XVIII, um perigo mortal para a alma. Dessa intensa experiência, o leitor realiza um processo de reflexão e a comunicação que permite (re)descobrir o mundo e as formas de pensá-lo, impulso interior que parte da solidão para uma comunhão de ideias.

Colocado o último ponto final ou a palavra *fim*, o autor dá por concluído o seu texto. Mas, para o leitor, a sua tarefa vai iniciar-se: «corpo de morte», calada, adormecida, a *letra*, símbolo, signo da actividade criadora gerada na solidão, será despertada pela leitura, (re)nascimento pela intervenção do outro, o *leitor*, incentivado a penetrar num mundo misterioso, espaço (ordenado) de desejo(s). Será, pois, uma *leitura de desejo*, que (se) oferece (ao) desejo, permitindo que o leitor vivencie emoções, fruto da fusão de ideias e sentimentos: «(...) tudo o que [o autor] pode fazer é dar-nos desejos.» (Proust, *id.*, p. 46).⁷

acédia e o ócio: «Torna-se perigoso (...) quando, em vez de nos despertar para a vida pessoal do espírito, a leitura tenda a substituir-se a ela, quando a verdade deixa de nos aparecer como um ideal que nós não podemos realizar senão através do progresso íntimo do nosso pensamento e através do esforço do nosso coração.» Cf. *id.*, p. 51.

⁶ «(...) o livro que li não é um objecto realmente distinto de mim, com o qual tenha uma verdadeira relação objectal: sou eu e não-eu (...)». Cf. Barthes e Compagnon, *id.*, p. 197.

⁷ Considera Roland Barthes (1987, p. 33-34): «(...) toda a leitura é penetrada pelo Desejo (ou pela Repulsa) (...). Que há de desejo na leitura? O Desejo não pode ser nomeado, nem sequer (ao contrário do Pedido) dito. No entanto, não há dúvida de que existe um erotismo da leitura (na leitura, o desejo está ali como o seu objecto, o que é a definição do erotismo).».

3. O AUTOR, O LIVRO, O LEITOR

A teoria da Estética da Recepção, veiculada em trabalhos de, por exemplo, Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, destaca a importância do papel do leitor no acto de leitura, colocando-o como co-autor da obra, que se materializa na recepção. A recepção do texto reflecte o universo do leitor, a sua visão do mundo e a articulação de conhecimentos adquiridos anteriormente ao presente da leitura.

Iser vê, na obra literária, dois pólos – artístico e estético: o primeiro, o texto criado pelo autor; o segundo, a concretização realizada pelo leitor. A *concretização* é um processo de inter-acção dinâmica entre o texto e o leitor, actividade de preenchimento dos vazios ou das lacunas do texto, «(...) o sentido sempre novo que pode tomar toda a estrutura da obra enquanto objecto estético (...). (Aguiar e Silva, 1988, p. 320). A obra oferece pistas que serão desvendadas pelo leitor, mas apresenta, também, espaços em branco, para os quais ele não encontra respostas, pelo que tem de recorrer ao seu imaginário para instaurar o sentido, concretizar o acto de leitura.⁸ Nesse processo, o leitor não é um elemento passivo, pois a sua função é ser um agente à procura de significações e é pelo texto que se dá o encontro com o autor, ausente. A recepção é programada pelo texto; daí, o leitor não poder ignorar os sinais deixados pelo autor.⁹ Assim, a leitura tem o poder de exercitar a actividade criadora do leitor, pois, segundo Iser, autor e leitor participam de um jogo de fantasia. Sendo um jogo, a leitura produz prazer, criado pelo leitor no momento em que converte o livro em objecto estético, o que exige a participação do leitor no jogo da ficção, tornando-se co-produtor do acto de criação e considerando-se a recepção de uma obra literária como uma experiência de alteridade.¹⁰ É o leitor quem criará o efeito estético ao valer-se da

⁸ A concepção dos espaços vazios de Iser partiu do conceito dos lugares indeterminados de Roman Ingarden: dado o texto literário ser um objecto aberto, os lugares indeterminados do texto permitem a concretização da obra. Os vazios do texto literário são completados pelo leitor que confere sentido ao lido, isto é, o não-dito pelo texto revela-se ao leitor na medida em que ele organiza a sucessão das frases de acordo com as suas lembranças e expectativas.

⁹ Em relação aos espaços indeterminados, em branco ou vazios, Umberto Eco (1993, p. 55) afirma que o autor prevê o preenchimento de tais espaços pelo leitor porque «(...) um texto é um mecanismo preguiçoso (ou económico) que vive da mais-valia de sentido que o destinatário lhe introduz, (...) à medida que se passa, a pouco e pouco, da função didascálica à função estética, um texto pretende deixar ao leitor a iniciativa interpretativa.»

¹⁰ «O ponto essencial é que o **outro** está sempre presente. O destinatário do escrito aguarda (...). É sempre **um outro** que dará sentido à nossa obra (...). Dê por onde der, ele persiste implacavelmente lá, o tal leitor, à sua espera, nas regiões brumosas e indefinidas que se prolongam do outro lado do texto. E estará pronto a apropriar-se das palavras recebidas e a reelaborá-las à sua feição, de acordo com o seu espaço, o seu tempo, a sua contingência e o seu feitio próprios.» Cf. Carvalho, 2014, p. 44.

interpretação; assim, a perspectiva do autor e a experiência do leitor conferem à leitura um carácter de comunicação, de inter-acção entre texto e leitor.

Iser está interessado no efeito que o texto causa no leitor, na ponte que se estabelece entre o texto literário, dotado de um horizonte aberto, e o leitor. Por isso, Iser vê o texto como potência de sentidos que se actualiza e se concretiza com o leitor e qualquer leitura do texto é sempre uma leitura nova, pois o texto tem uma natureza plural e só se completa quando o seu sentido for construído por quem o lê. Daí, a impossibilidade de se «fechar» o sentido de um texto, diferente a cada nova leitura e a cada novo leitor, numa pluralidade imanente de recepções futuras em concretizações múltiplas e diversas: o leitor faz o livro, começando pelo início, ou não, repetindo as páginas que quiser, omitindo e saltando, conforme a sua vontade, assim se transformando a si, à sua leitura e à obra que lê.

A obra de arte suscita, pois, um diálogo criativo, um debate através da emoção estética, entre duas mundividências que se encontram: a do criador, objectivada na obra, e a do espectador-leitor-ouvinte. Abrindo caminho a uma meditação interior, o leitor repensa e aprofunda o conhecimento de si próprio, dos outros, da realidade em que se move e dos valores que o comandam, através do estabelecimento de uma relação estética, da experiência de um sentimento, resposta ao efeito estético e aos apelos que o sujeito recebe da obra. O texto não existe em si – tem uma falha, que é a necessidade da leitura, operação efectuada pelo *receptor*, sujeito indispensável no e para o acto de comunicação. Daí que Roland Barthes (1987, p. 28) considere que «(...) o texto sozinho é uma coisa que não existe (...)» e Umberto Eco (*id.*, p. 55) afirme: «Um texto quer que alguém o ajude a funcionar.»¹¹

A escrita pressupõe o reconhecimento visual da marca. «*Scipsit et abiit*» – o escritor deixou a sua marca e desapareceu (se existe a marca do escritor, ela nada mais é do que a sua ausência).¹² A leitura será a *contra-assinatura* do leitor, que supre a falta do texto, garantindo a sua existência, pois o texto escrito não participa de um acto, em presença, de dois indivíduos. Daí, a comunicação escrita ser uma comunicação «*in absentia*». Esta situação, inconcebível na comunicação oral, é a própria essência da escrita. Alberto Manguel (*id.*, p. 187) descreve, assim, esta ideia:

¹¹ O mesmo autor refere-se ao texto literário como *obra aberta*, como procurando (e necessitando de) a acção do leitor que o interpreta e completa, porque *é* (ou *está*) *inacabado*, apelando para o trabalho do leitor.

¹² «(...) a leitura é a escrita, a escrita é leitura. (...) A obra abre-se na interface em que o autor se anula e em que a leitura se origina.». Cf. Mourão, *id.*:7. E adiante: «(...) o leitor responde a um texto, não a alguém.». Cf. *id.*, p. 14.

O escritor era um produtor de mensagens, o criador de signos, mas estes signos e mensagens necessitavam de um mágico que os decifrasse, lhes reconhecesse o sentido e desse voz. A escrita requeria um leitor.

A relação primordial entre escritor e leitor põe-nos perante um paradoxo extraordinário: ao criar o papel de leitor, o escritor decreta simultaneamente a sua própria morte, visto que, para um texto se completar, o escritor tem de se retirar, deixar de existir. Enquanto o escritor está presente, o texto permanece incompleto. Só quando o escritor abandona o texto é que este ganha existência. Nesse momento, a existência do texto é silenciosa, um silêncio que perdura até o leitor ler o texto. É apenas quando o olhar treinado entra em contacto com as marcas (...) que o texto ganha vida. Toda a escrita está dependente da generosidade do leitor.

(...) Desde o início, a leitura é a apoteose da escrita.

Convocando-o, a obra é o que o leitor lê nela, correspondendo a uma reprodução artística na recepção. Considera Vergílio Ferreira (2001, p. 156-157): «Fala-se às vezes de ‘inspiração’ a propósito de quem escreve uma obra. Mas nunca se diz isso de quem a lê. Mas lê-la é escrevê-la outra vez. E é preciso estar-se inspirado para o conseguir bem.».¹³

O texto escrito pode ser lido diversas vezes, parcialmente ou na totalidade. A sequência e o tempo de leitura serão escolhidos pelo leitor e a leitura pode ser silenciosa ou em voz alta, e esta, individual ou colectiva. Cada pormenor do texto pode ser meditado: é possível parar a leitura e reflectir sobre o que se leu, estabelecer ligações, procurar o sentido, dar significado às palavras que se repetem mentalmente, interpretando-as ou atribuindo-lhes várias interpretações, o que não é possível fazer com um discurso oral, imediato. O texto permanece uma matéria escrita, feita de letras e de linhas, inertes até ao momento em que voltam a ser lidas, adquirindo significado graças à intervenção do leitor. A cada passo, ele pode parar a leitura e voltar atrás, reler, ler de novo, ler de outro modo, redescobrir, isolar um fragmento, destacá-lo do contexto. Enquanto o discurso oral tem uma realização irrepitível, porque o contexto nunca mais será o mesmo, no discurso escrito – o *texto* –, a realização permanece indefinidamente num estado de contínua potencialidade, possível de ser (re)lido em diferentes momentos. Ler consiste em dar vida às palavras, em «ressuscitar», pela imaginação, o universo, o mundo que o autor criou.

O texto é, simultaneamente, meio e produto de comunicação, reproduzindo-se numa acção constantemente inovadora. De cada vez que se realiza uma leitura, cada vez

¹³ Barthes (1987, p. 28) descreve a *leitura* como «(...) o texto que escrevemos em nós quando lemos (...)».

que um livro é lido por um leitor particular, o texto revive, desperta – um novo significado, um novo sentido, outro modo de ver. Ambíguo por natureza, o texto literário, negando o carácter definitivo, é passível de uma pluralidade de leituras. Daí que se atribua um compromisso ao acto de escrever: a decifração de palavras (sinais significantes) atinge o leitor com um sentido, uma proposta que se revela mediante a leitura. A obra literária só existe através do acto cognitivo (Proust designa-o *acto psicológico original* (*id.*, p. 38)) do leitor: «A obra literária (...) tem a vida que eu, leitor, lhe insufla, é na minha consciência que emerge do reino do nada, só ressuscita quando volta a significar (...) e só significa mediante os leitores, um leitor.» (Coelho, 1996, p. 5). A obra literária só adquire efectiva existência como texto literário, como objecto estético, quando é lida e interpretada por um leitor; só existe diante de um leitor que a recrie e perpetue. Barthes defendia que, quando um leitor lê um texto, está a ser *autor*, pela interpretação que lhe dá; deste modo, um texto teria não um autor, mas tantos autores quantos leitores, isto é, várias interpretações, pelo que, quanto mais literário um texto for mais leituras terá, o que fazia Jacinto do Prado Coelho (*id.*, p. 7) chamar aos leitores de «*recriadores*» de *literatura*, assegurando a sua perenidade ao actualizar, pela memória, o passado e prolongando-o no futuro. Italo Calvino (*id.*, p. 94) considerava: «A figura do autor tornou-se plural e desloca-se sempre em grupo (...).». Por isso, o livro é um depositário de almas, de experiências, de vidas – inicialmente, do seu autor; depois, vai recolhendo de cada leitor, ao passar de mão em mão, o mistério da partilha, da comunhão, da identificação com o outro, descoberta de um caminho na companhia dos ecos das vozes que se guardam e crescem na memória do leitor. O leitor enriquece o texto: ao dar-lhe vida, confere-lhe a sua história, a sua experiência, a sua memória, acrescenta-lhe saberes, percursos, outros olhos, outros olhares, faz dele inscrição do seu pensamento, registo do seu ponto de vista, uma sua criação, espelho do indivíduo.

O acto de leitura não pode ignorar o amplo espaço intertextual em que todo o discurso literário se insere, pelo que se define um texto mediante outro texto, num processo sem fim. A leitura é o lugar onde se convocam os conhecimentos de quem lê, como encontro e reencontro, pois um texto é lido numa relação com múltiplos textos que o antecederam, ao que Barthes chamava *uma recordação circular*, dado cada nova leitura ter por base a(s) leitura(s) que o leitor realizou anteriormente: «(...) é isto o intertexto: a impossibilidade de viver fora do texto infinito (...).» (Barthes, 2001, p.

77).¹⁴ Daí, ser a leitura *rememoração*, dada a relação que um texto estabelece com todos os que intervieram na sua escrita, assim como há a recuperação de anteriores leituras e conhecimentos de que é dotado o sujeito-leitor.¹⁵ À medida que lê, *o leitor constrói* (um) *sentido*, ao estabelecer uma relação pessoal entre as suas recordações, as suas experiências, e o texto escrito. Toda a leitura tende a atribuir, a reconstruir significado(s), a dar um sentido ao texto: «O(s) significado(s) do texto literário é (são) produzido(s) na *transacção* do leitor com o texto, no *diálogo* que se estabelece entre o leitor e o texto, no jogo de perguntas que o leitor lhe formula e das respostas que ele vai proporcionando ao leitor.» (Aguiar e Silva, 1990, p. 91).¹⁶

É impossível realizar uma leitura sem construir um sentido, uma imagem – a leitura é uma busca da figura espiritual, da presença latente na obra: a *voz*.¹⁷ O escritor José Luís Peixoto (2011, p. 149 e 151) reflecte sobre esta ideia e a perspectiva de alteridade:

Quando leio, há uma voz que lê dentro de mim. (...) É essa voz que lê. (...) Essa voz não é a minha voz. (...) A voz que ouço quando leio existe dentro de mim, mas não é minha. Não é a voz dos meus pensamentos. A voz que ouço quando leio existe dentro de mim, mas é exterior a mim. É diferente de mim. (...) Para falar contigo, eu preciso da voz que ouves quando lê. (...) Eu sou a própria voz que ouves quando lê. (...) Quero dizer que existo nestas palavras. Através delas, quero apenas dizer-te que existo. Estou aqui. As palavras (...) são o meu corpo. (...) Durante este tempo, disfarcei-me de muitas vozes, de muitos rostos. Sou todos eles, contigo, em ti.

Aristóteles via na *voz*, na palavra, a expressão do sujeito na sua verdade; a escrita era apenas uma técnica de reproduzi-la e o texto um depositário do sentido e da verdade. Ver-se-á, então, na leitura uma forma de acesso à verdade. Mas *que verdade?* Que verdade literária? Como atingi-la? Por que meio? Dado o prazer, a fruição que

¹⁴ E acrescenta, definindo o *texto* como «(...) um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura.» (1987, p. 51-52).

¹⁵ «Assim se revela o ser total da escrita: um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se tem dito até aqui, é o leitor: o leitor é o espaço exacto em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino (...): o leitor é (...) esse *alguém* que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito.» Cf. Barthes, 1987, p. 53.

¹⁶ «A interpretação não é nunca dada, constrói-se, dado que implica directamente o sujeito que se enuncia no texto, o leitor. (...) Ler consiste em provocar relações, novas organizações do texto e portanto, o que se poderia chamar um texto dentro de um texto. (...) cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo. (...) no livro interior a cada um de nós, o autor, o leitor e o livro fundem-se.» Cf. Mourão, *id.*, p. 12-13.

¹⁷ «Por detrás da escrita, no espírito de quem lê, ergue-se ainda uma voz. O que sucede é que, ao lermos, julgando ouvir a voz dum autor, ouvimos a nossa própria, que recita em silêncio: o intérprete sobrepõe-se ao interpretado, e assim a criação se transforma na nossa recriação (...).» Cf. Coelho, *id.*, p. 8.

obtinha da leitura de um livro de Teophile Gauthier, Proust considerava-o «o único sábio detentor da verdade» (*id.*, p. 43) e desejava que ele continuasse a dizer-lhe o modo como pensar – *ler* – autores como Shakespeare, Sófocles ou Eurípedes, sem que a leitura, o contacto com o livro, nunca terminasse, sem nunca chegar à última página, sem nunca fechar o livro. Será, pois, esta ideia *a verdade*, o ensino dos autores, os caminhos a que nos conduzem, os conhecimentos que veiculam?¹⁸ Afirma Proust (*id.*, p. 46): «(...) a nossa sabedoria começa onde a do autor acaba, e queríamos que ele nos desse respostas, quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos.». Mas, *lei singular*, «(...) nós não podemos receber a verdade de ninguém, (...) devemos criá-la nós próprios (...).» (*ib.*). Ou seja, o que o autor faz é *incitar à leitura* (ou à *escrita*) – à procura, à descoberta de outros autores, de outros livros, de outras histórias, outros universos. A procura da *verdade* deverá ser, pois, criação individual do espírito, construção de uma hipótese de significação, impulso à criação. Se o texto fosse lugar de uma verdade absoluta, a leitura restringir-se-ia à procura dessa verdade – e, mais do que isso, *um livro apenas* existiria, pois uma verdade única não necessitaria de vários livros nem de *várias leituras*.¹⁹ Ler é, pois, *ser lido* a partir de um texto que, de todos os lados, nos transborda e nos ultrapassa, soltar o espírito da letra para partir em busca de (um) sentido(s), percorrendo-o(s). Porque, se um texto tem (um) sentido, ele é multiplicado através da leitura, ganhando novo(s) sentido(s), conferido(s) por cada leitor. Assim, o texto é necessariamente aberto, polissémico, plural, e a leitura, enquanto acto, nunca é inocente nem definitiva – cada leitor, quando lê, lê-se a si mesmo nesse momento, como projecção da sua experiência; a «verdade» do texto é a da sua leitura, descoberta em si mesmo, recriação por si mesmo, numa aventura de auto-conhecimento.²⁰

4. CONCLUSÃO

¹⁸ «**Texto** quer dizer **Tecido**; (...) um véu acabado por detrás do qual se conserva mais ou menos escondido, o sentido (a verdade) (...).». Cf. Barthes, 2001, p. 112.

¹⁹ Considera Aguiar e Silva (1988, p. 315): «O leitor não é o efeito da leitura de um único texto, nem se configura *ex nouo* e de raiz em virtude da leitura de cada texto, embora se modifique como entidade semiótica, em grau variável, em cada leitura que perfaz.».

²⁰ «O texto faz o que diz: fecha-se, abrindo-se, como um espaço construído pelo desejo do Outro, e em que a incitação se converte em provocação a dizer a verdade do sujeito que somos, no espaço-tempo da nossa enunciação.». Cf. Mourão, *id.*, p. 19. Considera Roland Barthes (1987, p. 28) sobre (um)a *leitura particular, revelação a si* do sujeito que lê: «Abrir o texto, fundar o sistema da sua leitura, não é, pois, apenas pedir e mostrar que é possível interpretá-lo livremente; é, sobretudo e muito mais radicalmente, forçar o reconhecimento de que não existe verdade objectiva ou subjectiva da leitura, mas apenas uma verdade lúdica (...).».

Ler é como um segredo a descobrir, como um percurso de aprendizagem, desvendando o(s) sentido(s), à procura do sentido, ganhando conhecimento nesse diálogo entre o presente do leitor, a consciência do leitor e o registo do pensamento do autor, num acto de criação mútua: criando e criando-se. Unindo palavra e voz, entre a escrita e a oralidade, a leitura procura uma explicação: do autor, no acto de criar, como reflexo de si, lendo-se no que escreve; do leitor, no entendimento de si e do mundo, como resposta às suas interrogações, na demanda de uma resposta, mas, também, no confronto com o oculto, inominado ou desconhecido. Daí, a invenção de mundos que sejam a medida (ou à medida) do criador e do leitor. Enquanto experiência subjectiva e pessoal, aproximação activa do texto, a leitura assume uma dupla dimensão: uma leitura é, essencialmente, uma avaliação, uma interpretação de um texto (o livro, objecto real, legível) em relação a *outro* (invisível – não se descreve, escreve-se). Metáfora do dito e do *inter*-dito (dito entre ou por entre letras, palavras, linhas), a leitura apresenta-se como revelação: é a *minha* história, a *leitura como construção*, isto é, a capacidade possuída pelo destinatário para *reconstruir* um universo imaginário a partir da sua experiência como leitor. Assim, a leitura assume-se como uma porta que se abre, como *iniciação*, entrada num *mundo-outro*, mágico, onde possível e impossível se atraem e repelem, caminho silencioso na abertura de uma passagem, «(...) a iniciadora cujas chaves mágicas nos abrem no fundo de nós próprios a porta das moradas onde não teríamos sabido penetrar (...)» (Proust, *id.*, p. 51).

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 8.^a edição, Coimbra, Almedina, 1988.

----- . **Teoria e Metodologia Literárias**. Lisboa, Universidade Aberta, 1990.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Lisboa, Edições 70, 1987.

----- . **O Prazer do Texto**. Lisboa, Edições 70, 2001.

----- e Antoine Compagnon. Leitura. In: ROMANO, Ruggiero (dir.). **Enciclopédia Einaudi. Oral/Escreto. Argumentação**. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, volume 11, p. 184-206.

CALVINO, Italo. **Se numa noite de Inverno um viajante**. 3.^a edição, Lisboa, Vega Editora, 1993.

CARVALHO, Mário de. **Quem disser o contrário é porque tem razão. Letras sem tretas. Guia prático de escrita de ficção.** Porto, Porto Editora, 2014.

COELHO, Jacinto do Prado. Introdução. In **A Letra e o Leitor**. 3.^a edição, Porto, Lello & Irmão Editores, 1996, p. 5-15.

ECO, Umberto. **Leitura do Texto Literário**. 2.^a edição, Lisboa, Editorial Presença, 1993.

FERREIRA, Vergílio. **Escrever**. Lisboa, Bertrand, 2001.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. Lisboa, Editorial Presença, 1988.

PEIXOTO, José Luís. A voz que ouço quando leio. In **Abraço**. Lisboa, Quetzal Editores, 2011, p. 149-151.

PROUST, Marcel. **Sobre a Leitura**. Prefácio de José Augusto Mourão. S.l., Vega, [1992].